

24 horas  
de transmissão ininterrupta

Primeiro-Ministro na TV

O primeiro-ministro português foi transmitido em directo pela televisão portuguesa e em simultâneo em directo por televisão por cabo para os países da Europa Ocidental. O primeiro-ministro português foi transmitido em directo pela televisão portuguesa e em simultâneo em directo por televisão por cabo para os países da Europa Ocidental.

Conjuntura política analisada no encontro PPD-PS

Os membros do PPD-PS analisaram a conjuntura política portuguesa e o papel do partido na actual situação política portuguesa.

Novo partido político em formação

Um novo partido político está em formação em Portugal, segundo fontes próximas do movimento.

Férias da Páscua sem alteração

O Conselho de Regimento da Assembleia Nacional aprovou a manutenção das férias da Páscua sem alteração.

Adiada a visita a Lisboa do Secretário-Geral da EFTA

A visita a Lisboa do Secretário-Geral da EFTA foi adiada para uma data posterior.

Expresso

DIRECTOR FRANCISCO PINTO BALESTRÃO

ASSISTENTE DIRECTOR JOSÉ CARVALHO MARQUES NOBRE DE SOUSA

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: LUIS DE SOUSA

Institucionalização do MFA e mudança no Governo prenúncio de semana animada

Com a sua reunião de hoje, o Conselho de Ministros português vai instituir o Ministério da Defesa Nacional e alterar a composição do Governo.

Esta mudança de composição do Governo português é considerada um prenúncio de uma semana animada.

Helder Cavazaz no EXPRESSO: "Atenção ao Chile irmãos portugueses"



Quem armou a mão de Spínola?



O modelo peruano no contexto das Forças Armadas

Atenção ao Chile irmãos portugueses

Walter 75: A AXI

Quem armou a mão de Spínola?

Intervista de Carvalho



Bancos abrem hoje — possíveis restrições aos levantamentos

Os bancos portugueses vão abrir hoje e poderão haver restrições aos levantamentos.

Spínola esteve em Talavera la Real por "razões de humanidade"

Spínola esteve em Talavera la Real por razões de humanidade, segundo fontes portuguesas.

Inquérito do "11 de Março" divulgado antes das eleições

O inquérito sobre o "11 de Março" foi divulgado antes das eleições portuguesas.

Comitê Nacional de Eleições: Suspensão "sine die" dos trabalhos do plenário

O Comitê Nacional de Eleições suspendeu "sine die" os trabalhos do plenário.



Uma manifestação que agitou milhares de pessoas, provocada pelo MOP/PS...

OMEGA Speedmaster watch advertisement with images of three watches and the text "o relógio usado nas viagens espaciais"

## Primeiro-Ministro na TV

"A NACIONALIZAÇÃO da banca privada não é uma varinha de condão que de imediatamente ao povo português um melhor nível de vida, significa antes que o dinheiro dos depositantes vai ser posto ao serviço de todos e trazer benefícios a médio e a longo prazo, não a uma minoria de privilegiados mas para todo o povo", afirmou ontem à noite o primeiro-ministro brigadeiro Vasco Gonçalves, em comentário televisivo sobre a recente medida legislativa.

O Primeiro Ministro verboso envergou os boatos de que os depositantes perderam os seus valores, insistindo em que o preciso desmascarar os boateiros criminosos ao serviço da reacção: "Este é um dia de alegria mas também de vigilância e desmascaramento imediato dos que procuram agitar o papão contra a revolução", salientou a certo passo das suas considerações sobre a nacionalização, "uma velha aspiração do povo português".

"É o primeiro passo firme na linha da política do MFA contra os monopólios, de difícil aplicação e não será feita sem sacrifícios, mas todos os processos históricos foram feitos com sacrifício", apontou o Primeiro Ministro, que insistiu na necessidade de todos compreenderem que a medida ajeita tomada possibilita ao Estado o controlo da aplicação do crédito e votar para que seja utilizada em investimentos reprodutivos.

## Conjuntura política analisada no encontro PPD-PS

NA SEQUÊNCIA dos diversos contactos a nível particular efectuados no decorrer da passada semana realizou-se ontem um encontro entre delegações do Partido Popular Democrático e do Partido Socialista, conduzidas respectivamente por Mário Soares, Salgado Zenha, Lopes Cardoso, Manuel Alegre e Marcelo Curto (pelo lado do PS) e Jorge Sá Borges, Rui Machete, Carlos Macedo e Alexandre Bettenouart (pelo PPD).

Segundo o comunicado final as duas delegações decidiram prosseguir as conversações "com vista a aprofundar a análise dos problemas de interesse comum, mediante encontros a efectuar no próximo futuro".

## Novo partido político em formação

DESENVOLVEM-SE activamente diligências entre alguns meios políticos de esquerda com vista à formação de um novo partido que poderá vir a nascer da confluência de diversas organizações e militantes actualmente sem filiação partidária. O esforço unitário teria como finalidade superar o fraccionamento organizativo da esquerda socialista não-estalinista e a constituição de um partido forte e implantado entre as massas trabalhadoras, por outro lado claramente demarcado em relação à esquerda reformista e à social-democracia. A necessidade de construir um projecto político que constitua uma verdadeira alternativa de esquerda — e identificação com a dinâmica profunda do actual processo revolucionário — está na base do trabalho organizativo em curso. Assim, um dos objectivos do novo partido seria o de responder ao vazio existente entre a esquerda portuguesa, para além das opções conhecidas, desde o P.S. — considerado hoje como um partido social-democrata por esses meios políticos — ao P.C.P. — tendendo a um modelo de centralismo burocrático e a um capitalismo de Estado — ou às organizações de extrema-esquerda, tidas por prisioneiras da herança estalinista e de esquemas teóricos incapazes de compreender a dinâmica específica do processo revolucionário português.

Antigo e actual militantes do M.E.S. ou da F.S.P., dissidentes do P.S. e da Juventude Socialista, além de militantes sem filiação partidária neste momento, constituiriam alguns dos núcleos em que deverá assentar a constituição do futuro partido.

## Férias da Páscoa sem alteração

O PERÍODO de férias da Páscoa não será alterado, iniciare o M.F.C., precisando que esse período alteravara, como habitualmente, desde a segunda-feira seguinte ao domingo da Páscoa à terça-feira seguinte ao domingo da Páscoa.

# O 11 de Março passo a passo

AO MEIO DIA menos um quarto do dia 11 de Março o RAL 1 de Sacavém era alvo de um ataque aéreo, levado a cabo por dois T-6 e quatro helicópteros que transportavam paraquedistas, os quais ocuparam posições fazendo o cerco ao quartel.

Apanhada totalmente desprevenida, a unidade — que se preparava para o ataque — reagiu, fazendo sair para o exterior a maior parte dos seus homens — que ocuparam posições estratégicas nos prédios fronteiros — e deixando a uma pequena guarnição a defesa das instalações.

Embora respondendo prontamente — de fora e de dentro — às metralhadas e aos voos picados dos aviões, os homens do RAL 1 perguntavam-se o significado do que lhes acontecia. Nos oficiais, era o modo o assombroso e a indignação enquanto os soldados se espalha um sentimento de insegurança e se ouvia perguntarem-se «mas os paraísos estão conosco ou contra nós?», «Mas porque é isto?», «E os párares inseguros também perguntavam-se «e o brigadeiro Orelha?», «Mas afinal o que é que se passa, porque é que estão a atacar os meus homens?», foi efectivamente a pergunta que Diniz de Almeida, comandando as forças do RAL 1 no exterior, acabou por fazer directamente ao comandante dos paraquedistas sôvietes, num encontro, (para quem o viu inusitado) que se deu a intervenção de Costa Correia, oficial da Marinha, o qual, apontando na hipótese do «malentendido», forçou a aproximação dos dois oficiais.

Que julgavam que vinham defender o 25 de Abril, que o seu chefe lhes dissera que o RAL 1 acolhia um núcleo de contra-revolucionários assasinos, foi a resposta dos «para». O capitão Sebastião Martins acrescentaria qualquer coisa sobre «altas individualidades» que entendiam que a revolução estava a ser traidora.

Imediatamente acudia a todos os espíritos o nome de Spínola. Mas seria? seria mesmo só o que parecia? E cometas as hipóteses as testes, as correlações. (ver pág 17)

Do que se foi conseguindo saber, o único ataque realizado teria sido só a este, do RAL 1. Em pleno dia, ataque isolado, ataque, aparentemente, suicida. Falava-se de Tumar e de Santarém que tinham estado para sair, mas nada se sabia ao certo.

Quando perguntámos a um oficial que ocupava uma das torres —mas porquê só uma unidade, e porque só a vossa», a resposta veio pronta: «eles bem sabem quais são as unidades que estão ao lado do povo», afirmação que comunicado dos soldados do RAL 1 viria confirmar, na sua entérica denúncia da protecção aos podes, da existência de «partidos (LAD/BAB)» «carnavais» e dos «partidos burgueses» e exigiu o «fuzilamento para todos os fascistas e seus esbirradores».

## Pedem-se medidas radicais

Na mesma linha de exigência de medidas radicais (nacionalizações, pena capital, etc.), vão os comunicados de partidos e sindicatos que, desde o princípio da tarde, começaram a surgir. Declarações transmitidas pela rádio ao longo do dia 11 (como a de Rosa Covinho: «não podemos ter mais contemplações» e a do gen. Pinto Ferreira aos seus homens depois de libertado: «a nação não estará disposta a aturar indefinidamente os vozes enganadoras culminaram com as afirmações de Vasco Lourenço na manhã do dia 12, ao dar conta das resoluções tomadas durante a noite e as de Correia Jesuino, em longa conferência de imprensa em que foi anunciado o Conselho Revolucionário.

## Unidade, unidade

Entretanto, na própria tarde de 11, tem lugar uma grande manifestação unitária, tal como já não víamos há muitos meses e como ainda há escassos dias seria difícil imaginar, em que ao som de palavras de «Unidade, Unidade», as bandeiras do PC e do PS se misturaram às de outros partidos presentes.

O golpe que as aparências indicavam ter sido obra da reacção parecia, ao fim do primeiro dia, ter servido para um forte passo em frente da linha «progressista». Perante o acontecido, o MFA decidiu-se a — palavras do ministro Jesuino — «comat» o processo na mão e não deixar mais que interferências de qualquer ordem impeçam o avanço revolucionário.

## 1 — Acontecimentos militares

### dia 11

11.45 — Ataque aéreo ao RAL 1 por aviões e paraquedistas da B. A. 3 e Reg. Cav. Paraquedistas, de Tancos. O aeroporto é ocupado por "paras" de Tancos e encerrado. Mais tarde forças fãis ao Copcon vão para lá. Rebre e noite.

— No Carmo o cap. Lopes Mateus avisa o gen. Pinto Ferreira da contra-revolução e prende-o, com outros oficiais, numa sala da unidade. Oficiais contra-revolucionários: gen. Damilko, major Garoupa (que saem de carro às 14.30) para se acolherem à embaixada da Alemanha Federal) e cor. Xavier de Brito que toma o comando da cavalaria.

12.45 — No exterior do RAL 1, diálogo entre Diniz de Almeida (do RAL 1) e Sebastião Martins (paraquedista) acerca dos motivos do assalto. Segue-se ida dos dois comandantes, cor. Mourisca (RAL 1) e major Mensurado (para), ao Estado Maior da F.

A. para entrar em acordo, que foi obtido pelas 14.30.

14.40 — Paras levantam cerco. Confraternização.

— Entretanto, em Tancos, há hesitações dos sargentos e praças que desconfiam das ordens recebidas. Ricardo Durão vai com Salgueiro Maia dialogar com o gen. Spínola, chegado na véspera à noite com alguns oficiais e a mulher, em carros transportando armas. Este, espantado, verifica estar tudo perdido. O gen. Tavares Monteiro é mais tarde preso em Tancos pelos seus sargentos.

17 — Spínola chega a Talavera la Real, acompanhado de sua mulher e mais 15 oficiais, em quatro helicópteros. Está incommunicável. O governo espanhol não quer tomar nenhuma atitude de protecção. O general declara que não voltará a Portugal e fala em pedir asilo político ao Brasil, e mais tarde ao Chile. Soube-se ontem que partiu para Buenos Aires, afinal.

17.30 — O gen. Pinto Ferreira aparece à janela do Carmo, já livre, e fala depois aos seus homens, reafirmando confiança neles "porque foram enganados".

### dia 13

20.30 — Esquadra da NATO e inglesa aproximam-se da costa portuguesa (ao sul e ao norte).

— Há movimentações de carros militares transportando artilharia à roda de Lisboa. A 5.ª divisão, transmitindo através da E. N., emite comunicados regulares e afirma que não há motivos para sobressaltos.

Balanço do ataque: 1 morto (soldado Joaquim Carvalho Luis), 15 feridos, 1 carro destruído e largos danos nas instalações da unidade.

## 2 — Informação e comunicações

### **dia 11**

**Cerca das 13** — E. N. declara-se a "única voz autorizada" e passa a transmitir exclusivamente informações da 5.ª divisão do E. M.

**13** — R. C. P. deixa de transmitir em onda móvel de Lisboa por ter sido atacado por uma companhia de Trem-Auto que inutiliza a aparelhagem (estrageiro: 2 mil contos). Continua a transmitir em frequência modulada e onda móvel do Porto.

**13.30** — E. N. — Capitão Clemente dá os primeiros elementos concretos.

**13.30** — Entra a transmitir, em ligação, a Estação Rádio da Madeira (que seria protegida por forças do Copcon).

**13.50** — R. Renascença interrompe a sua greve e entra a transmitir em simultâneo com RCP. Entram, também, Rádio Rôbastejo, R. Alto Douro, R. Altitude (Guarda).

**14.45** — E. N. transmite primeiro comunicado do Gabinete do Primeiro-Ministro.

**15** — "Diário de Lisboa" é o primeiro a sair, com a cobertura dos acontecimentos. Fará três edições.

**15.10** — TV — anuncia em breves palavras os acontecimentos.

**15.25** — TV — entrevista com Otelo Saraiva de Carvalho.

**16** — Mensagem do Presidente da República.

**17.15** — Discurso improvisado do Primeiro-Ministro.

— Primeiras informações, mais tarde corrigidas: Spínola e Gálvão de Melo fugitivos, de carro, gen. Damilho preso. Sabe-se à meia tarde que Spínola foi de helicóptero para Espanha, que Gálvão de Melo está em Viana desde manhã em visita normal e que o gen. Damilho não fora preso. Anuncia-se a prisão de Rafael Durão, comandante dos para-quedistas de Tancos, que se entregou.

**17.30** — Mensagem de Rosa Coutinho.

**17.45** — Mensagem do com. Jesuino à imprensa.

— Fala Mário Soares.

— Nova entrevista com Otelo Saraiva de Carvalho, transmitida pela TV (pelas 21) e, mais tarde, pelo RCP.

**21** — Mensagem do Presidente da República em que dá a lista dos inculpados.

**22** — RCP — Recomeça a transmissão em onda móvel, mas só recomeça a programação normal no dia seguinte pelas doze horas.

**1 da manhã (dia 12)** — TV — Reportagem do ataque ao RAL 1. Mensagem do ten. Barão dos Santos.

Entretanto, RR decide, uma vez interrompida a greve por este motivo, continuar a transmitir, em moedas que se coadunem com o actual presente polí-

tico. Os trabalhadores prosseguem, não tendo havido intervenção por parte da administração.

### **dia 12**

**16.30** — Longa conferência de imprensa do ministro Correia Jesuino com a presença de dezenas de jornalistas estrangeiros.

Entretanto, o aeroporto do Porto encerra à tarde do dia 11. Fecham-se as fronteiras com Espanha a partir das 14.30, sendo a última, de Badajoz, sido encerrada apenas pelas 17. No Porto, as estações de rádio e TV são ocupadas pelo MFA, em protecção.

O cinema Universal decide estreiar o filme colectivo feito durante o "1.º de Maio" e que nunca se tinha visto em Portugal: "As armas e o povo". Estreia-o durante 24 horas, em sessões contínuas e gratuitas.

O RCP é alvo de homenagem do "Avante!", ao referir-se ao ataque de que foi alvo, o qual prossegue, dizendo: "A informação hoje em Portugal deixou de ser um arrombado de jornais e emissoras para ser um elemento do movimento popular de massas — que dele resulta e com ele está." Os trabalhadores da RR são elogiados pelo Sindicato das Telecomunicações e pela crítica televisiva, os quais criticam, simultaneamente, a RTP pela maneira como seguiu os acontecimentos. O ministro Jesuino, por seu lado, fala de possíveis alterações na EN e na RTP a fim de melhor corresponderem ao papel revolucionário que lhes compete. Tais alterações tiveram já ontem lugar. Uma linha coerente, mais uma vez.

### 3 — Manifestações e vigilância popular

#### dia 11

**A partir das 12.45** — Primeiros apelos a mobilização popular, por parte da Intersindical, fazem-se as primeiras barricadas nas estradas de Vila Franca e depois em Setúbal. Não se apanha nenhum fugitivo mas interceptam-se algumas armas. Também em Lisboa serão encontradas armas numa casa. Os bancos não reabrem a tarde e há piquetes de trabalhadores (cuja vigilância viria a causar a prisão dos administradores do Banco Espírito Santo por tentativa de levantamento ilicito de milhões de escudos). Sindicatos organizam em Lisboa e no Porto piquetes nos locais de trabalho e em pontos estratégicos (E. N.), que precisam de protecção. A população, em diversos pontos do país, acorre aos quartéis a receber ordens.

Fala-se em armas para o povo — e não só os partidos chamados de "extrema-esquerda".

Assalta-se a casa de Lisboa do gen. Spínola e as sedes dos partidos de direita (em Lisboa, o PDC e o CDS, mas no Porto foi também atacado o PPU). Fazem-se grandes loqueiras na rua com material encontrado nos locais.

**19** — Entretanto, todos os partidos convocam manifestações. Enquanto o PC e PS (reconhecimentos antigos), se concentram no Campo Pequeno, com o MES, FSP, MDP e Intersindical, no Carmo encontram-se dois "independentes": o MRFP, vindo de Aickstera, a UDP, vinda do Rossio. Mas o principal local de manifestação popular foi junto do RJA, e, pela noite adiante. Também no Porto e em Coimbra, se fizeram manifestações unitárias e, no dia seguinte, também em Leiria, Beja, Setúbal, Viana do Castelo, Faro, Portalegre, o povo veio para a rua, ordena e unitariamente, como lhe pediam. O PPD,

que na provincia conseguiu manifestar-se quase sem problema, em Lisboa, esboçou uma manifestação motorizada mas foi muito atacado, na sua passagem pelo Rossio, onde enumeraram os carros e queimaram bandeirinhas, pelo que não se apresentou com delegação no Campo Pequeno. Nessa manifestação (mas disciplinada, mas "política" do que as duas primeiras dias de Abril e Maio), imperaram as palavras de ordem radicais, com grande lugar aos slogans PPD. O que parece vir na sequência dos acontecimentos de Setúbal que, eles também, pareciam preparar ou atenuar o que se seguiu.

### O povo informa o povo

Desde as primeiras horas do dia 11, a informação pública é assegurada oficialmente pela 3.ª divisão do E. M., através da emissora Nacional. Ouvem-se, ao longo do dia, o presidente da República, o primeiro ministro,

num dos seus típicos improvisos, vituperando quem põs "forças armadas contra forças armadas", irmãos contra irmãos; uma entrevista de Otelo Saraiva de Carvalho em que dá conta do acontecido, afirma que ossoula a situação e que não deixará de recorrer às forças populares, se for caso disso; seguindo-se declarações de Rosa Coutinho, Cereia Jesuino que agradece à informação — que é o povo a informar o povo — a forma, como, actuou, tomando debêdo lugar pátrio e colaborando. Ouviu-se depois, a importante declaração do gen. Costa Gomes, já à noite (transmitida pela TV):

— em que é dada a primeira lista de implicados no golpe; e a entrevista de Otelo Saraiva de Carvalho em que, depois de se referir, no tom directo que o caracteriza, aos eventuais perigos que, no momento, corre o embaixador Carlucci, permanecendo em Portugal, prossegue afirmando

que estamos todos «aprendendo a revolução», o que seria acentuado pelo com. Jesuino no dia seguinte ao relembrar o pouco treino e poucos meios de que dispomos. Por isso não terá possível responder nem que sim nem que não a certas perguntas que se

fazem em relação a possíveis ligações dos «golpistas» com o estrangeiro ou com o capital. E precisa investigar a sério «dizem-nos». Para tal foi nomeada uma comissão de inquérito presidida por Rosa Coutinho.

## Poirots maquiavélicos

As perguntas, pois, que todos se fazem — os portugueses em geral, a imprensa, fazendo-se eco de todos, e nomeadamente a imprensa estrangeira que não deixa de seguir-nos com sempre renovado interesse — continuam perguntas, mas cada um vai avançando as suas hipóteses. Hipóteses muito contraditórias. — o que é motivado pela aparente incoerência do golpe frustrado, — que se traduziram em algumas perguntas surgidas na conferência de imprensa do ministro da Comunicação Social no dia 12. Há quem pergunte se, perante um golpe tão frustado e sendo o general Spínola um bom militar, não seria de admitir a hipótese de ser outro o autor do golpe, querendp fazer parecer que era ele.

Há, pois, os que dizem há um golpe de direita, mal preparado, uma loucura suicida, uma spinolada. E ficam-se por aí. Há os que dizem: foi de direita, com certeza, mas houve qualquer coisa de muito grave que falhou à última hora (unidades e oficiais que «traíram», apoio do exterior que falhou...), se não Spínola não se metia, ele só entra quando é seguro.

Para outros, o acontecido no dia 11 foi uma «cáldice de direita» e «ai de nós se nos descuidamos porque o próximo virá quando menos se espera». Para esses isto teria sido um ensaio geral. Outros, finalmente, quais Poirots, perguntam-se: a quem é que o golpe aproveita? Mas já aí há duas aproximações possíveis — a quem teria aproveitado, se triunfasse (vêm os fantasmas das multinacionais, do Chile, da CIA, dos grupos capitalistas, de cá e de lá...), e a quem aproveitou de facto (e aí põe-se a complicada hipótese da «aventura», levada a cabo por alguns que teriam visto neste golpe provocado a única maneira rápida de sair do impasse esterilmente «democrático» em que se vivia). Argumentos, há-os, a favor de todas as teses. Certezas, há poucas.

Há, por um lado, os que lembram que a imprensa estrangeira já previa o golpe, chegando alguma mesmo a anunciá-lo quase palavra por palavra nas últimas semanas. E voltam a falar da esquadra da NATO (que, aliás, na noite de ontem, esteve estranhamente perto da costa portuguesa, chegando a causar alarme), voltam a falar da intensa actividade de Carlucci, o «homem das situações difíceis», que viria pôr o treino adquirido no Brasil, no Congo Kinshasa, na Tanzânia (Zanzibar), ao serviço do nosso pequeno país... Mas há, por outro lado, os que preferem lembrar discursos recentes de Cunha (nomeadamente o de Seix, mas não só), comunicados também muito recentes (nomeadamente o do MDP da passada segunda-feira), a

súbita mudança táctica dos dois partidos, PC e PS, em direcção a uma plataforma comum, e a imediata (tão imediata que quase pareceu anterior) resposta de alguns partidos em termos de mobilização popular e de tomadas de posição relativamente a medidas económicas e outras, minutos depois, de se iniciar o ataque. A esses Poirots maquiavélicos, preferem alguns responder que tudo se explica em termos de organização e de disciplina e que é aí que os partidos dão a sua medida. Arrecaada juro políticos quem sabe arrecaadá-los e, no dia 11 de Março, foi clara e iniludível a capacidade de mobilização e de adaptação de organizações como o PC e a Inter-sindical — (Não era passada meia hora sobre o começo dos tiros, já importantes quadros do PC se encontrava no campo de batalha, evitando mini-senas de esclarecimento junto de populares e soldados).

## Os soldados são filhos do povo

Outros partidos souberam estar também presentes à sua maneira. E na reconciliação dos soldados dos dois prisioneiros do abraço — e no tratamento sem distinção que populares faziam aos de um e doutro lado, tiveram sem dúvida influência militantes de esquerda que, desde os primeiros momentos, acorreram às portas do RAL I, e aí se mantiveram em permanente contacto com uns e outros concretizando a palavra «soldados são filhos do povo».

O dia 12 foi um dia de acalmia militar, mas intenso, pelo que trouxe de alterações com as já referidas decisões do Conselho de oficiais do MFA, reunido durante a madrugada, transmitidas, primeiro por Vasco Lourenço e depois por Correia Jesuino.

Foram assim divulgados os nomes dos inculcados (que damos em anexo), nomeada uma comissão de inquérito, dissolvidos certos Conselhos de Armas e

alterados diversos comandos de unidades, reafirmada a necessidade de intensificar o esclarecimento civil das populações pelo MFA. Decidiu-se, também, que o primeiro ministro procedesse a uma remodelação ministerial, (em que se manterá a coligação, eventualmente alargada ao MDP), reafirmar a realização das eleições a 12 de Abril. Decidiu-se ainda — e sobretudo — instituir o Conselho de Revolução que absorverá os membros militares do Conselho de Estado (os civis apresentaram a sua demissão), a Junta de Salvação Nacional, os Chefes dos Estados Maiores e a Comissão Coordenadora e a quem competirá o essencial da função legislativa. Foi admitida a hipótese de virem a ser legalizados partidos (da «extremadita ou esquerda», «esses partidos de franja») que impedissem o avanço democrático e foi muito claramente afirmada a decisão de não perder mais tempo com

hesitações.

A via parece, pois, estar traçada. Avançar, numa linha claramente «progressista», sem hesitações nem demoras (belo Antunes, ao chegar, no dia seguinte da Argélia, esquece o termo «socializante» e fala claramente de via socialista).

Entretanto, na noite de 12 para 13, acontecem muitos boatos (quase todos prontamente desmentidos a nível oficial), que parecem prenunciarem algumas realidades. Os partidos mobilizam ainda em permanência os seus militantes, conscientes já, no entanto, de que o seu papel será o que lhes deixarem que seja.

É o dia amanhece com a primeira das leis revolucionárias — inesperada mesmo para os mais impacientes — a nacionalização da banca.

— A hora é de luta e de alerta. Cada hora vale um ano. Quem se salvará?

H. V. S.



## Lei igual para todos

PARA ALÉM das graves responsabilidades de António de Spínola (ver pág. 17), para além da óbvia associação entre a crise Palma Carlos, o 28 de Setembro e o 11 de Março, para além da indelével prova da existência de um "núcleo de forças adversárias", a principal consequência prática dos acontecimentos da passada terça-feira é a de que provocaram uma aceleração praticamente irreversível da revolução portuguesa (ver pág. 2).

Há uma semana, tínhamos uma estrutura constitucional, resultante do Programa do MFA, com uma Junta de Salvação Nacional, um Conselho de Estado com 21 membros dos quais 7 civis, etc.: agora, temos o Conselho da Revolução que chamou a si todos os poderes e que, em princípio, só será integrado por militares (ver pág. 1). Há uma semana, o tema político principal era o das negociações entre o MFA e os partidos; agora, a institucionalização do MFA foi imposta e ninguém apareceu a contestá-la. Há uma semana, o tema económico principal era o Programa Económico do Governo Provisório; agora, as atenções convergem para a nacionalização da banca, primeira deliberação do Conselho da Revolução, para o seu significado (em conjugação com a detenção de conhecidos capitalistas) e para os precedentes que parece querer abrir. Há uma semana, havia, do PDC ao MRPP, um espectro político que se ia esclarecendo e definindo; agora, foi aprovado, legislação que permitirá, provavelmente a partir dos extremos, reduzir o leque partidário.

Há uma semana, a questão das eleições era preocupação dominante; agora, apesar da imediata afirmação da sua realização, terão passado para plano secundário.

De toda esta muito considerável mudança ressaltava, obviamente, o reforço do poder militar, que, desde o 25 de Abril, conservando autonomia em tudo o que se relaciona com a orientação do que lhe diz respeito, tem vindo a intervir crescentemente no poder político civil. Segundo o Programa do MFA, o Governo Provisório era civil, mas logo após a queda de Palma Carlos passou a incluir elementos militares; o pós-28 de Setembro veio acentuar fortemente esta tendência; a crise derivada da lei sindical demonstrou que a estrutura paralela militar dominava a estrutura constitucional; as últimas alterações do elenco governamental proporcionaram a maioria relativa aos militares no Governo Provisório (aliás, já a detinham, total na Junta e absoluta no Conselho de Estado).

Por outro lado, a intenção de criação do Conselho de Revolução (do qual o Conselho dos Vinte terá sido um paliativo) e o desejo de que a institucionalização do MFA atribuisse prioridade à função-motor sobre a função-árbitro (vem a propósito relembrar, nesta ocasião, a eventual participação do MFA na Constituição) eram há muito detectáveis.

Poderá dizer-se, portanto, que as alterações profundas agora produzidas não constituem surpresa, porque vêm de trás e eram apoiadas por uma poderosa facção dentro e fora das Forças Armadas. O facto de se terem verificado e a vitória que representam para a facção que as defende adquiriu, porém, a maior relevância. Não se trata tanto de qualificar (ou não) como ditadura militar o regime em que passámos a viver. Trata-se sobretudo de ter sido subscrita por quem detem o poder real para o fazer a tese de que a pre-democracia tem finalmente um rótulo — o do socialismo vigiado, garantido e impulsionado pelo MFA.

Ao tomar esta atitude — para muitos inevitável, para outros insustentável — o MFA abandona de vez o neutralismo em que já nem ele próprio acreditava e mergulha finalmente, sem rodeios, nas lides políticas. Assim, por isso, responsabilidades diferentes das que até agora lhes cabem, pois não pode, ao mesmo tempo, tomar partido e manter-se supra-partidário.

Para que o passo dado esta semana seja em frente e não para trás (ao reencontro do totalitarismo), é preciso que os homens do 25 de Abril dêem, de novo, prova de originalidade. As liberdades reconquistadas não podem perder-se. E neste conceito de liberdade não se incluem apenas a de expressão, de reunião, ou de associação, mas também a defesa dos cidadãos e dos grupos em que se integram contra a violência física, os boatos, as detenções, as ilegalizações dos partidos, os abusos de poder de qualquer espécie.

Só assim as palavras do general Costa Gomes, a figura política que emergiu com nitidez da complexa crise de 11 de Março, poderão ter plena validade: "Provaremos que a lei é igual para todos os portugueses".

# QUEM ARMOU A MÃO DE SPÍNOLA?

SPÍNOLA derrotado, após o peso das suas ações desleais, deixou a aeronave n.º 3 de Tancos às 17 horas da tarde do dia 11, pedindo aos dois pilotos que conseguiram evenc-lo a não continuar a aventura louca, que transitassem ao general Costa Gomes que não estava a sair contra ele, que ajudou a operação porque o haviam conhecido que se preparava na matança de oficiais e para restituir o 25 de Abril à pureza original. Mas só se convenceu definitivamente quando um dos seus homens de confiança depois de haver feito reconhecimento do RAL 1 e imediações, voltou a Tancos e, lhe afirmou: Estamos perdidos, meu general. Estão todos a fraternizar:-

Isto nos foi contado por testemunhas que presenciaram a cena. O general, de camisola de gola branca olhava a janela, enquanto, lá fora, os soldados já arrebavam os carros com armas que, na espera, haviam chegado em António de Spínola e família. Os soldados, tinham-se apercebido do que se estava a passar através da rádio. O Coronel Rafael Durão já havia decidido assumir as suas responsabilidades, pondo-se à disposição da justiça

militar. Com Spínola estava, também o coronel Calvão e outros militares que bruscamente emergiram da reserva ou da situação de saneados, para se fazerem vivos e desentadearem o ataque. O coronel Calvão, talvez muitos leitores o desconheciam, foi o homem que quem o então general Spínola se havia servido para a invasão da Guiné-Conakri, na intenção de capturar ou assassinar Sekou Touré, homem demasiado incómodo para a política então seguida pelo governador da Guiné. Homem da inteira confiança da D. G. S. esteve por um triz para ser nomeado seu director. Segundo a nossa fonte de informação trata-se de personalidade extraordinária com ascendente sobre António de Spínola e contactos com as mais suspeitas agências internacionais. Na altura da invasão de Konakri, invasão que o governo português do regime deposite sempre desmentiu vigorosamente que houvesse sido realizada por tropas nacionais atribuindo o golpe ao descontentamento popular contra Sekou Touré, foi internacionalmente apontada a cumplicidade do governo da Guiné-Bissau, da Pide e da CIA ao serviço dos chamados interesses ocidentais em

termos de geopolítica.

Com o 11 de Março, a personalidade de António de Spínola fica recortada no perfil psicológico que a emoldura. Um homem que sempre tentou resolver os problemas políticos mais difíceis através de «golpes de mão»: Um homem que desempenhou um papel de relevo na eclosão do 25 de Abril, enquanto empurrado pelas correntes antifascistas, mas que, depois, ao nível do político foi facilmente arrastado para métodos que desmentiram a democracia que afirmava. O homem envolvido na morte de Amílcar Cabral, pela queda do primeiro Governo Provisório, por uma rede de processos que desembocou no 28 de Setembro e, agora, pelo 11 de Março. 11 de Março que teve como primeiro benefício para o povo português libertá-lo da figura do general do monóculo em quem muita gente ainda acreditava. O homem que tentou inverter o processo da descolonização: que propiciou clima favorável para os acontecimentos relacionados com a tomada da rádio clube, em Moçambique, com os subsequentes distúrbios e mortes que se seguiram; o homem do encontro do Sal

com Mobutu, o homem da FNLA, do subimperialismo zaireense, carrilador do imperialismo americano, apoiando-se nos interesses não interessados no desenvolvimento dos povos onde auferem os lucros. O homem que, de quando em vez, dava a impressão de querer entender os ventos da história, mas que de posse do poder, os amarrava.

### Quem convenceu Spínola?

O ex-general António de Spínola estava convencido, ainda na tarde de terça-feira que tudo corria à sua feição, que várias unidades se haviam revoltado e que, em breve, estaria instalado em Belém.

Quem o convenceu de tal? Testemunhas que o viram e que com ele falaram, garantem que o antigo presidente da República lhes parecia estar convencido de que na realidade se preparava uma matança de Páscoa. Se é verdade, quem o convenceu de tal? É uma pergunta para a qual ainda não encontramos uma resposta cabal, esperando que o inquirido venha a revelar, embora saibamos que há autores cujos processos de actuação dificilmente deixam rastros. De qualquer maneira não restam dúvidas que o 11 de Março, além do desassossego e inquietação que causou na população, da deterioração do clima internacional em relação a Portugal, terá contribuído, fortemente, para abalar a já mais que débil economia portuguesa. Isto mesmo sem falar no soldado morto e nos vários feridos e no ambiente de guerra civil que poderia ter provocado, dado o clima de ignorância dos acontecimentos que começou por reinar no seio das Forças Armadas. Chega mesmo a parecer impossível como não morreu mais gente. Tudo isto poderia ter contribuído para aquilo que hoje comumente se chama a desestabilização, ou seja o desfibramento interno do

tóus nacional ou do elan do Estado.

### Imune a Escola Prática de Cavalaria

Quando dois oficiais foram a Tancos para convencer o general António de Spínola a mandar parar os homens que metralhavam o RAL 1, ainda o encontraram eufórico: «Tenho a Força Aérea do meu lado, muitos aviões, comandos, a GNR parte dos Fuzileiros e parte do Exército e a Escola Prática de Cavalaria».

— «E mentira meu general, não tem nada disso. Está completamente enganado. O que pode, com tudo isto, é provocar uma catástrofe nacional».

— Mas nem a Escola Prática de Cavalaria?

— «De forma nenhuma. A Escola Prática de Cavalaria está completamente a leste do que se passa».

Segundo o nosso interlocutor, mal começaram a circular na Escola Prática de Santarém rumores do que estava a acontecer, aquela Escola procurou esclarecer-se e quando recebeu o COPCON ordem de prevenção simples obedeceu sem qualquer espécie de problemas, afastando, por conseguinte, algumas palavras circulantes segundo as quais Santarém estaria feita com o golpe. Aliás o próprio António de Spínola telefonou para Santarém, tendo atendido o tenente-coronel Ricardo Durão, segundo comandante da Escola:

— «Diga ao Maia que isto é o 25 de Abril. Está a ouvir? E vocês? — Nós estamos fora disso. Não sabemos o que se passa. — Ter-lhe-á retorquido. O capitão Salgueiro Maia também nada sabia, afirmou-nos fonte bem informada. Entretanto já os populares eram convocados para vigiarem a Escola».

Mais tarde são estes dois oficiais quem se desloca a Tancos para conversar com

o general António de Spínola e depois vêm a Lisboa, onde chegam por volta das 6.30 para tudo contar ao Presidente da República e ao general Mendes Dias.

### As consequências

Para falar das consequências do 11 de Março, sem nos ocuparmos aqui do Conselho de Revolução (ver pág. 11) é necessário recordar o ambiente que se vivia nos dias anteriores: um ambiente de profunda tensão, com rumores de golpes, inclusive anunciados na imprensa estrangeira. Aliás, uma análise política de qualquer observador atento à evolução da realidade portuguesa, levaria facilmente a essa conclusão. Nós próprios, na missão de informar o público nem sempre compreendida, alertámos através do noticiário apresentado, descrevendo correntes divisionistas no seio das Forças Armadas. E essas divisões eram tais e tantas que conduziram ao que se viu.

Uma outra consequência do 11 de Março, por conseguinte, é a maior união das Forças Armadas em torno do processo político, união essa que não significa exclusão de tendências diversas. Os militares arregraram-se na convicção que o processo político tinha de ser levado com vigor e aqueles que nele estavam integrados e que temiam classificá-lo de revolucionário, começam a empregar tal palavra abertamente. E de via socializante passou a falar-se em socialismo, resultando, inclusivamente, uma minimização dos partidos, agora considerados mais como satélites e o MFA como motor. Assim o descreveu Melo Antunes ao regressar de Argel: «A nossa estratégia deve ser de transição para o socialismo. Se ela não coincide com a de alguns grupos políticos é porque o MFA nada tem a

ver com os partidos políticos. O MFA quer ser o motor em torno do qual se unam todas as grandes forças progressistas e democráticas deste país que estejam dispostas a participar numa estratégia para o socialismo, em função de um grande projecto nacional.

Esse grande projecto pode ser alcançado se as forças democráticas e progressistas forem realmente capazes de congregar esforços e consolidar esta aliança com o M.F.A. que é a única força capaz de impulsionar este processo.

### Pluralismo socialista

Melo Antunes não podia ser mais claro e quanto à função do MFA no processo político português, ou seja, quanto ao facto de ser centro motor, satelizando as restantes forças, parece haver identidade de vistas entre os militares mais directamente empenhados. Põe-se, por conseguinte, aqui a questão de saber quais os partidos políticos que poderão continuar a existir, pelo menos ao nível de representatividade, como possibilidade de assento na Câmara Constituinte. Se Portugal vai ser um país socialista, estamos em crer que todos os partidos que se opõem a tal objectivo acabarão por ser eliminados, mais tarde ou mais cedo, o que nos leva a afirmar que do pluripartidarismo em sentido absoluto se passa ao pluripartidarismo no quadro socialista. Que se vai fazer aos restantes partidos? Poderão continuar como correntes de opinião, como acontece no Peru onde vigora o regime militar que, contudo, aceita e protege o pluralismo ideológico? E quanto aos partidos dentro do quadro socialista? Qual a sua função específica, uma vez que o motor do processo tudo indica continue a ser o M.F.A.?

### Diferenças no projecto político

Entretanto nem todo o MFA em bloco concebe da mesma maneira o projecto político para Portugal, notando-se duas linhas que, embora não sendo contrárias são, contudo, diferentes: a linha Melo Antunes e a linha Vasco Gonçalves.

Quanto à linha Melo Antunes, ela pretende encaminhar Portugal por uma via nacionalista, soberana e terceiro-mundista. Foi Melo Antunes quem afirmou: -acho que era necessário a curto prazo clarificarmos o que é que entendemos por viragem ao Terceiro Mundo. Penso que Portugal tem de seguir forçosamente uma via de desenvolvimento perfeitamente independente ligado a um grande projecto nacional e que isso passa pela ruptura com certo tipo de concepções de desenvolvimento que têm sido divulgadas ao longo destes anos, todos por certos grupos de pessoas que estão talvez mais ligadas do ponto de vista ideológico a outro tipo de concepções. Se Portugal quer arrancar do seu subdesenvolvimento e quer, por outro lado, caminhar da sociedade de onde partiu para outro tipo de sociedade realmente humana, ou melhor, sequer transitar das formas políticas do fascismo e das forças económicas do capitalismo de onde saiu para uma sociedade socialista por uma via efectivamente portuguesa original e nacional tem de congregiar esforços para um projecto autenticamente nacional. É esse projecto nacional passa realmente por uma grande aproximação com os países do Terceiro Mundo e com os países árabes. Isto não significa voltar as costas aos países europeus; passa também por formas de cooperação muito activas com os países europeus; mas os países europeus têm de compreender que em Portugal se tem de processar um outro tipo de desenvolvimento, um outro tipo de evolução, um outro tipo de transição para uma sociedade que nós queremos, portugueses, e que rejeitamos todas as formas de alienação e todas as formas de opressão de que fomos vítimas no passado.

Portanto, a aproximação com o Terceiro Mundo,

diria mesmo a abertura franca ao Terceiro Mundo é uma das vias claras para que devemos apontar como uma das etapas de um caminho muito claro no sentido de uma autêntica independência nacional.

Melo Antunes foi categórico e até a linguagem que emprega se assemelha muito a dos países terceiro-mundistas. Veja-se, por exemplo, as páginas 18 e 19 relativas ao Peru.

Acontece, porém, que Melo Antunes começou a ser apoiado por muitos militares que o pensavam em oposição a Vasco Gonçalves. Estes militares, contudo, não desejavam seguir a sua inclinação política, mas unicamente travá-la, manobra a que nunca se prestou o ministro sem pasta, embora muitos dos seus adversários políticos houvessem explorado tal situação.

Por outro lado, a linha Vasco Gonçalves é igualmente uma linha socialista, mas concebida mais de harmonia com os moldes clássicos europeus. Os seus adversários políticos chegaram a alcunhá-la de linha comunista pró-soviética, tentando jogar com o que de emocional ainda conserva semelhante apelativo, dado que em Portugal ainda se não esvaíram, por completo, os vestígios da guerra fria.

Uma das consequências do 11 de Março pode ser a união destas duas linhas, já que elas não são absolutamente incompatíveis entre si. Ambas estão de acordo no fundamental, ou seja, na vida socialista; tendo, nas suas perspectivas, os partidos forçosamente que se adequar a tal. Pensa-se mesmo que nestes dias, se realizaram, debates e discussões alargadas sobre o tema, de onde poderá sair uma frente ampla a nível militar, englobando todas as forças progressivas. Cada vez mais existe entre as Forças Armadas a convicção de que elas constituem um movimento de libertação do povo português, não apenas do fascismo, mas também do imperialismo, constituindo a vanguarda do povo e sabendo distinguir os amigos dos inimigos. Nesta linha de pensamento dizia antontem o Presidente da República: O núcleo das forças adversárias ainda existe. São alguns sectores

172

capitalistas e privilegiados sem capacidade de adaptação às novas condições político-sociais e são ainda aquelas forças políticas de cores opostas cujas ideologias são incompatíveis com a felicidade do povo e com o Programa do MFA.

Importa saber aqui o que se entende pela expressão povo, embora do contexto resulte que se trata de todos os portugueses colectivamente tomados. O inimigo do povo português será, por conseguinte, no plano interno, todo aquele que, pela sua acção, prejudica o colectivo para potenciar os interesses individuais.

Acontece, porém, que nem sempre os partidos políticos se enquadram dentro da mística de um movimento de libertação, quer enquanto excluem o pluralismo ideológico, quer enquanto põem o acento na propriedade privada dos bens de produção.

Os militares portugueses mostram-se convencidos, como já foi afirmado, que a linha é a socialista mas pluralista e que para tal obter são necessárias as armas, dado que os interesses capitalistas são poderosos e ramificados usando das tácticas mais diversas e mais subtis. Tudo isto resulta dos últimos

discursos políticos em que podemos dizer que à frente se colocaram as Forças Armadas, secundadas pelas massas populares enquanto mobilizadas e inspiradas pelos partidos. Acontece até que o envolvimento que as massas populares fizeram aos paraquedistas que vinham cercar o RALI, acabaram por lhes fazer ver o disparate em que se haviam metido e até onde os podia levar o gesto que vinham preparados para executar, embora ao engano como confessaram.

### Economia crítica

Entre as consequências do 11 de Março parece-nos também ser de apontar as resultantes no sector



Pára-quadistas que vinham ao engenho para cercar o RAL 1



Conversações entre os dois comandantes: o sitiado (que o não chegou a ser) e o pára-quadista sitiado

económico. A economia portuguesa, com efeito, vem-se debilitando e golpes como o de terça-feira só servem para a atrasar ainda mais. Tem-se discutido muito e trabalhado pouco e pode muito bem acontecer que, dentro de algum tempo, a discussão política de que não resultem frutos práticos, acabe por degenerar numa espécie de neurose política que se pode tornar colectiva. Um dos primeiros factores de desestabilização é constituído principalmente por uma economia em decrescendo, situação que pode dar origem às mais diversas saídas, mas onde as extremas-direitas se costumam sentir muito à vontade. Embora já seja lugar comum chamar a atenção para o Chile, é um exemplo a ter sempre

presente. Sem querer ser má língua dá, por vezes, a impressão, que se fazem programas em Portugal para serem discutidos, mas cuja execução parece, via de regra, comprometida. Veja-se o que se passa com as escolas, com as empresas, inclusivé com o próprio programa económico, com a agricultura em prol da qual praticamente nada se fez, etc. Ou se começa a trabalhar rapidamente e dentro de programas concretos ou então ir-nos-e-mos a fundando alegremente à espera de um qualquer Pinochet ou coisa que o valha.

A nacionalização dos bancos foi a medida mais espectacular e as ondas de boatos, habituais nestas circunstâncias, continuam a proliferar por aí.